'Maria' só queria aproveitar a promoção para comprar 'aqueles' ténis. Nunca esperou que a entrada na sapataria do centro comercial de Coimbra lhe fosse causar tanto sofrimento. Só porque nasceu na Guiné e tem uma cor de pele diferente

"És escura, és coisa que não existe"

João Fonseca

"Aquela loja tem em promoção os ténis que queres", disse-lhe uma amiga. A estudante de Direito, na Universidade de Coimbra, não hesitou e foi logo ao centro comercial. Lá estavam, na montra, as sapatilhas. O estabelecimento estava fechado, mas subiu ao andar imediatamente acima, como sugeria o aviso, afixado na vitrina. O proprietário desceu, abriu a porta e entrou com a cliente, para ela avaliar melhor as característica do produto.

Maria não tardou a perceber, no entanto, ser pouca a vontade com que estava a ser atendida e reagiu. "Por acaso, não gosto de te atender." Disse ainda o vendedor: "Não vale a pena perder tempo, sai da loja." Ela obedeceu, mas voltou a subir ao quarto andar. Pediu o livro de reclamações. O dono dos dois estabelecimentos recusou e, depois, rejeitou identificar-se. "Esqueci-me do nome, melhor, não te digo o meu nome, nem tenho nada que te dar o livro de reclamações, és escura, és coisa que não existe."

"Você é racista", acusou ela. O comerciante mandou-a sair, sob pena de lhe dar "umas bolachas", recorda *Maria*. Advertindo-a de que "não estava a brincar", o homem insistiu: "Desaparece daqui", "vai fazer queixa a quem quiseres". A jovem guineense já não conseguia conter as lágrimas, mas resistia, na expectativa de que aparecesse alguém que "pudesse testemunhar a cena". Ninguém. "Vou-me embora, mas vou fazer queixa." Saiu da loja, a correr. "As pessoas não me querem aqui", pensava, desejando regressar a Bissau.

"Escura? Não sei se disse isso, mas se disse não estava a mentir", reage o proprietário das lojas de artigos de desporto, nos pisos três e quatro do Centro Comercial Avenida, no centro de Coimbra. Rejeitando a ideia de o seu comportamento configurar uma atitude racista, explica a situação com o facto de ter "muito que fazer" e estar, naquela altura, sozinho nas lojas. Além disso, argumenta, do modelo de ténis que ela queria, só tinha o tamanho 36 e "ela calça para aí 39", constatou, pois, com "a experiência" ("ando nisto há dez anos"), bastou-lhe olhar para os pés da cliente.

Desvalorizando sempre o episódio, o comerciante também julgou não haver "motivo para dar o livro de reclamações" a *Maria*. Nem compreende as razões do interesse do jornalista, denunciando, no entanto, alguma surpresa, quando confrontado com a informação de já existirem queixas da estudante na PSP e nos serviços de fiscalização geral da câmara municipal. Mesmo assim, o proprietário das lojas não tinha mais nada a dizer, nem sabia, desabafa, porque acabara de falar.

"Nunca sofri tanto por ser diferente, por ser negra", confessa *Maria*, quando, alguns dias depois, decide tornar pública a história, mas sem dar a cara. "Tenho medo de represálias, basta o que senti naquela altura, basta o que tenho de ouvir, frequentemente, na rua, por ser negra e mulher."

Na Universidade, *Maria* não se sente discriminada ("talvez por sermos muitos africanos"), mas nas ruas da cidade é, não raras vezes, alvo de agressões verbais. "Chego a evitar alguns trajectos, para não ouvir bocas", confessa, exemplificando: "Ó preta, quanto levas?" Se não fosse mulher, talvez "não sofresse tantas ofensas", admite, mas nem por isso deixa de considerar que "em Coimbra há racismo".

Arquivo DN-Pedro Velez

Racismo | 'Maria' sentiu na pele a discriminação por ser guineense, quis desaparecer, mas resolveu fazer queixa à PSP

'Maria', estudante universitária em Coimbra: "Nunca sofri tanto por ser diferente, por ser negra"

A consagração do Portugal branco ainda existe

"Há muitos casos, talvez centenas, de discriminação de africanos" em Coimbra e a agressão que atingiu *Maria* não é esporádica, acredita Paula Meneses. O problema não se reduz, no entanto, a esta cidade, é de todo o País, que continua a não querer discutir a questão colonial, preferindo manter a "tendência para dizer e quase acreditar que o colonialismo português foi melhor que os outros, que cá não há racismo".

O processo de independência foi muito rápido e "Portugal saiu das colónias quase como se nada tivesse acontecido", como se houvesse "colonialismo bom e mau", sem nunca debater, de facto, o impacto do colonialismo, nem mesmo em relação ao Brasil, apesar da distância no tempo. "Academicamente, fala-se disso, mas o assunto não sai desta órbita, não chega à sociedade", diz ao DN, tentando encontrar explicações para o fenómeno, a antropóloga e investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

"A consagração do Portugal branco, católico, muito na lógica de Salazar, ainda existe" e "continua a fazer-se, quase sempre, uma segunda leitura em relação aos africanos". A CPLP, por exemplo, "não funciona porque não há sensibilidade", designadamente, para com os estudantes dos países de língua oficial portuguesa que frequentam escolas em Portugal. Na Universidade de Coimbra, a "integração" reduz-se à festa dos caloiros, não há sequer onde "as *Marias* possam colocar os seus casos".

Sublinhando que há racismo agressivo e inocente (ignorante), Paula Meneses alerta para os perigos de "continuarmos de costas voltadas uns para os outros" e do crescimento da "amargura", alertando para "o que se passa em França – não são conflitos religiosos, mas de integração". O caso de *Maria* não aconteceu na Universidade nem envolve a instituição, mas esta não pode continuar indiferente, tem de apoiar os seus estudantes.

"O melhor é deixar andar e acabar o curso", pensam os estudantes africanos. Esta não é a melhor atitude, reconhecem. Deixam-se dominar pela "indiferença" e pelo "medo", diz Paula Meneses.

O presidente da Casa de Angola em Coimbra, Bento Monteiro, subscreve a convicção, lembrando que há muitas situações em que o estudante, para sobreviver, tem de trabalhar e, em regra, em empregos precários, onde a discriminação atinge proporções ainda mais preocupantes. Há pois o medo de ter problemas, mas também há resignação.